

SABERES DAS MULHERES INDÍGENAS – REFLEXÕES E RODA DE CONVERSA NO AMBIENTE ESCOLAR.

Carlos Eduardo Coelho Bezerra - Unifesspa
Isac Gonçalves Farias - Unifesspa
Maria Helena Fontes Pereira - Unifesspa
Marcos Aurelio Carvalho Paixão Noletto - Unifesspa
Myuk Sousa Souza - Unifesspa
Natália Da Cunha Da Silva Sacramento - Unifesspa
Valéria Melo (Coordenador do Projeto) - Unifesspa

Área de conhecimento: Ciências Humanas

Agência Financiadora da Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Programa de Ensino: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

RESUMO: O presente texto reúne resultados de uma das ações desenvolvidas pelo projeto intitulado “Entre os silêncios sobre a história indígena e a história das américas na Educação Básica: reflexões e proposições de estratégias pedagógicas em escolas de Marabá-PA”. Esse projeto vem sendo desenvolvido na Escola Acy de Jesus Neves de Barros, situada no bairro Amapá e faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As ações do projeto visam contribuir com a implementação da lei 11.645/08 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura indígena nas escolas de educação básica do país. Para além do pouco espaço reservado aos povos indígenas no currículo e no livro didático de história, a inserção do cotidiano escolar aponta também para a necessidade de desconstrução de estereótipos que resultam em percepções e comportamentos racistas em relação aos povos originários.

Palavras-chave: Povos indígenas; Ensino de História; Músicas.

1. INTRODUÇÃO

O PIBID é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e constitui parte da Política Nacional de Formação de Professores. O objetivo do programa é permitir aos discentes de licenciatura, ainda nos primeiros anos de formação, sua inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação a partir da relação entre teoria e prática. O PIBID promove ainda a integração entre a educação superior e a educação básica e proporciona oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, que visam identificar e superar problemas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A escrita da história no Brasil esteve pautada em uma lógica branca e eurocêntrica. Um dos reflexos disso foi o apagamento de grupos sociais, como os indígenas (ALMEIDA, 2017). Entretanto, levar o debate sobre a história indígena para espaços escolares, não é apenas uma questão de ampliar a compreensão sobre o processo histórico de formação da sociedade brasileira, mas consiste também que instigar os estudantes a pensarem a história da região, da cidade onde vivem, problematizando temas como diversidade, apagamentos, racismo e violência. É necessário desconstruir a percepção que os povos indígenas estão relegados apenas a um passado distante da história do Brasil e levar os alunos a refletirem “qual o papel que essas populações ocupam no Brasil de hoje; seus principais problemas e suas dificuldades para manterem seu modo ancestral de viver; quais suas demandas principais e como interagem com o mundo moderno, global e localmente.”(MUNDURUKU, 2019). Buscando problematizar com os estudantes essas questões colocadas pelo escritor indígena Daniel Munduruku, o projeto de ensino aqui apresentado, realizou no mês de abril do corrente ano, na escola Acy Barros, uma série de rodas de conversa sobre diferentes assuntos relacionados à

temática indígena.

No presente texto discorreremos sobre a experiência nas rodas de conversa que tiveram como temas "Arte e Artistas Indígenas" e "A voz da resistência". Elas foram realizadas com os estudantes do 8º ano, turma A pela manhã e turmas B e C no período da tarde. A atividade proporcionou o contato e troca de saberes sobre figuras indígenas importantes, sobre aspectos que perpassam as culturas dos povos originários e sobre as contribuições e a representatividade da mulher indígena na sociedade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A princípio, foram divididos entre os bolsistas diferentes temas para serem abordados em rodas de conversa e na exposição: Literatura indígena, Arte indígena, política indígena e música indígena. Diante disso, foram escolhidas três duplas para trabalhar o tema "música indígena", uma no período matutino, 8º ano A e duas no vespertino, 8º ano B e C. Então, nas rodas de conversa apresentaram um slide informando onde se deu os primeiros registros da música no século XVI, a imposição da música europeia feita pelos portugueses, ao que a música indígena está associada, o que define a música indígena e que instrumentos musicais utilizam e como produzem. No final da roda foi dada a oportunidade aos alunos comentassem o conteúdo e tirassem suas dúvidas e para concluir foram expostas algumas músicas produzidas pelos povos indígenas o que surpreendeu as crianças pois não conheciam a vastidão de produções que há.

A realização da atividade foi antecedida pelo levantamento de produções artísticas e culturais indígenas, dentro e fora das comunidades. Estabeleceu-se como foco produções musicais. Um exemplo dessa produção é a música "Essa terra é minha", das cantoras indígenas Narubia Werreria e Thaline Karajá. Também a música "Canto Indígena Pela Paz", do grupo Boi Bumbá Garantido, com a cantora Márcia Siqueira, foi utilizada no debate com os estudantes.

O ponto de culminância das rodas de conversa realizadas nas turmas do ensino fundamental da escola Acy Barros, foi o evento com tema "Os saberes das mulheres indígenas". Nessa ocasião, todas as turmas reuniram-se em uma das salas da escola, todo o material utilizado para o debate em cada uma das rodas de conversas que foram realizadas. Assim, os estudantes de uma turma puderam acessar referências e explicações também sobre as rodas de conversa que foram realizadas nas outras turmas. Nessa ocasião os bolsistas do projeto ficaram à disposição para esclarecer dúvidas e curiosidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que se pretendia era atizar a curiosidade dos alunos e alunas, fazer com que vissem os povos indígenas e seus saberes de um jeito diferente, que não da forma estereotipada ou apagada como é mais comum de se encontrar. Eles tiveram contato com a diversidade de povos e de saberes. Muitos estudantes ficaram surpresos em saber que os indígenas produzem músicas, ficando curiosos com as músicas nas línguas nativas e mostrando interesse também quando cantavam em português. Diante disso, seria muito mais fácil fazer mais perguntas sobre os povos indígenas, algumas até sem ser sobre as músicas, mostrando como a curiosidade havia sido despertada. Além disso, muitos passaram a ver que a música é mais do que a sonoridade, é também um jeito de passar mensagens, transmitir conhecimentos e fazer com que sua voz seja reconhecida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem sobre a temática indígena em sala de aula teve como um dos principais objetivos a desconstrução da representação do indígena como "isolado" da sociedade nacional. Essa imagem ainda é bastante difundida. Buscou-se desconstruir a percepção de que os indígenas são sujeitos que só reproduzem sua cultura e modo de viver somente em/para suas comunidades. Procurou-se, nesse sentido, dar visibilidade a artistas indígenas que estão inseridos no mercado cultural, utilizando a música e outros suportes para contar suas histórias, divulgando seu modo de viver e também denunciar violências. Ariel Feldman (2019) nos lembra, que "a cultura de uma etnia ou de um povo se modifica rapidamente ao entrar em contato com outras culturas, estando sempre em transformação. Assim, um indígena não deixa de ser indígena porque usa celular ou calça comprida. A cultura dos povos indígenas, desde o primeiro contato com o homem branco, esteve em transformação (e ainda está). Essa reflexão é válida para pensar os diversos povos indígenas do século XIX."

(FELDMAN apud ALMEIDA, 2019, p.). No tempo presente a arte é um espaço que os povos originários têm utilizado para falarem de si e neste sentido, pode e deve ser utilizada como ferramenta de ensino sobre essas sociedades.

Por fim, conclui-se que ensinar sobre a cultura e a história indígena é um processo lento, que exige paciência para combater o longo histórico de desinformação. E uma das melhores formas de começar é mostrando os indígenas como autores de saberes próprios, capazes de muito. Apresentar suas tradições e feitos e com isso seguir até chegar as questões atuais que ecoam cinco séculos de História.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **A atuação dos indígenas na História do Brasil:** revisões historiográficas. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 37, nº 75, 2017.

_____. **Índios mestiços e selvagens civilizados de Debret:** reflexões interétnicas e mestiçagens. Varia história, Belo Horizonte, v. 25, n. 41, p. 85-106; 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v25n41/v25n41a05.pdf>>.

FELDMAN, Ariel. **Brasil Império:** historiografia e ensino de História. 1ª edição. Curitiba: Inter Saberes, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Educação em Rede,** Culturas indígenas, diversidade educação. Rio de Janeiro, Sesc, Departamento Nacional. 2019.